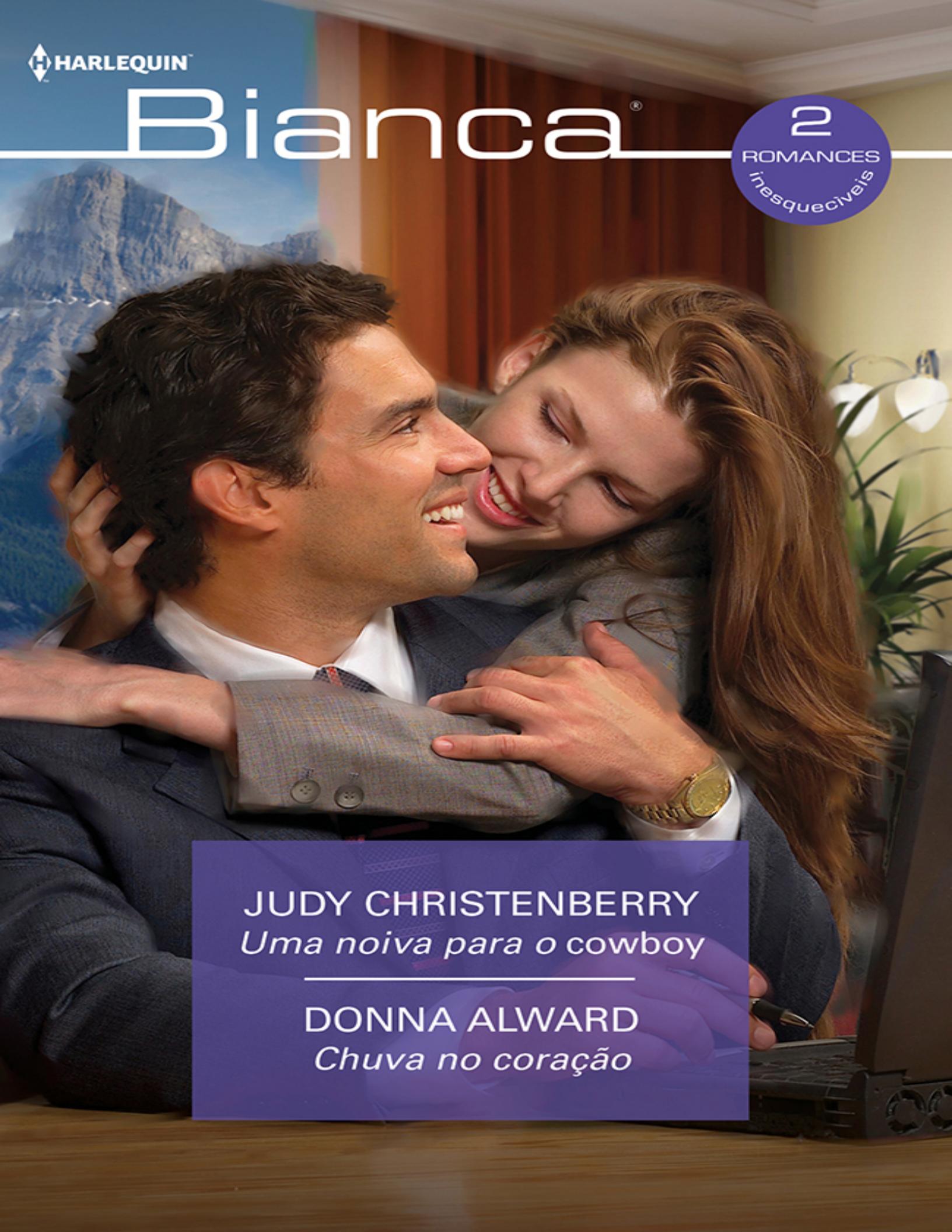


 HARLEQUIN®

Bianca®

2
ROMANCES
inesquecíveis



JUDY CHRISTENBERRY
Uma noiva para o cowboy

DONNA ALWARD
Chuva no coração

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2021 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins
Ibérica, S.A.
N.º 66 - outubro 2021

© 2008 Judy Russell Christenberry
Uma noiva para o cowboy
Título original: Inherited: Instant Family
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2009 Donna Alward
Chuva no coração
Título original: Hired: The Italian's Bride
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português
em 2009

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com

pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Bianca e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e outros países.

Imagen de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1105-092-0

Sumário

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Uma noiva para o cowboy](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Chuva no coração](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

Se gostou deste livro...

Bianca®

UMA NOIVA PARA
O COWBOY
JUDY CHRISTENBERRY



Capítulo 1

Brad Logan estava atrasado. Devia ter saído do casamento do seu amigo muito antes. Estava a mais de quarenta quilómetros de casa e o seu irmão zangar-se-ia se acordasse Abby. Embora lhe faltassem dois meses para dar à luz, os gémeos mal a deixavam dormir.

De repente, viu uma luz no meio do campo, à esquerda da estrada. Parecia uma fogueira. Travou de repente e recuou para verificar. Os Logan tinham arrendado aquelas terras à Junta de Freguesia e todos sabiam que era proibido fazer fogueiras.

Ali estava... Quase escondida atrás de uma pequena colina. Tinha de a apagar. Os faróis da carrinha iluminaram os vestígios de pneus que se dirigiam para o caminho de pedra. Brad seguiu as marcas e chegou até um velho carro. Alguém tinha acendido uma pequena fogueira.

Uma jovem estava junto da fogueira.

- Menina?

Ela levantou-se com um salto e esteve prestes a perder o equilíbrio.

- Quem é o senhor?

- Brad Logan. A minha família arrendou estas terras à Junta de Freguesia. Não pode acampar aqui. E, certamente, não pode fazer uma fogueira.

- Não estamos a fazer nada mau.

- Menina, foi um ano muito seco. Não podemos arriscarnos a sofrer um incêndio. Lamento muito, mas tem de apagar a fogueira - deitou terra sobre a fogueira, mas ela parou-o, pondo-lhe uma mão no braço.

- Se soubesse quanto tempo demorei a acender essa fogueira, não a apagaria assim!

Ele fez com que o soltasse.

- Olhe, não pode estar aqui. Vimos ursos a rondar por aqui. O que faria se um urso a atacasse? Tem de voltar para Pinedale e procurar um hotel.

- Não! Não posso!

Parecia muito assustada.

- Porquê?

- Não posso. Não tenho dinheiro!

- Há um acampamento em Yellowstone. Não acho que esteja cheio no Outubro.

- Oh, sim, obrigada.

A expressão do seu rosto dizia que não ia para Yellowstone. Mas fosse para onde fosse, não podia deixá-la ali.

- Não tem água?

- Sim - virou-se para o carro, que estava às escuras.

- Preciso dela para me certificar de que a fogueira está totalmente apagada.

Ela deu meia volta com um ar incrédulo no rosto.

- Vai atirá-la para a fogueira? Não tenho muita e as crianças precisarão dela de manhã.

Ele olhou para o veículo.

- Há crianças no carro?

- Olhe, ir-nos-emos embora, mas preciso de toda a água que tenho.

- Onde estão?

- Estão a dormir.

- Devia cuidar melhor dos seus filhos, menina!

- E o senhor devia meter-se nos seus próprios assuntos!

Sem saber o que fazer, Brad tirou o telemóvel e telefonou para o xerife.

- Levo-a? - perguntou-lhe, depois de o informar da situação.

Estava a observá-la enquanto falava e, quando disse que a levaria com ele, ela começou a arrumar as suas coisas rapidamente.

- Vamos!

Antes de conseguir chegar ao carro, Brad agarrou-a pelo braço.

- O xerife disse-me para a levar comigo.
- Mas não fizemos nada!
- Então, não se importará de falar com ele, pois não?
- Importo-me sim. Não quero deixar as crianças.
- Claro que não. Virão connosco... na minha carrinha.
- Não! Não posso deixar o carro aqui!
- Se o xerife der o seu consentimento, trá-la-ei de volta de manhã.

Dirigiu-se para o velho carro e olhou pela janela. Havia duas crianças a dormir lá dentro.

- Onde ia dormir? - perguntou à mulher.

- Isso não lhe diz respeito!

Abriu a porta do carro e acordou as crianças.

- Olá, crianças! A vossa mãe acedeu a deixar que passem a noite no nosso rancho. Querem?

Era uma menina pequena, de cerca de oito ou nove anos, e um menino de cinco.

Então, procuraram a sua mãe e Brad percebeu que não se apresentara.

- Lamento muito. Não vos disse quem sou. O meu nome é Brad. Levaremos a minha carrinha para o rancho. Está bem?

- Esta é a sua carrinha? - perguntou-lhe o menino, olhando pela janela.

- Sim. Gostas de carrinhas?

- Sim. Posso andar na sua?

- Claro. Pergunta à tua mãe.

- Mas não está cá.

- Não é a tua mãe? - perguntou, olhando para a jovem.

- Não.

- Bom, rapaz, porque não vens dar um passeio comigo? - perguntou-lhe. - Ela virá connosco.

- Vens, Sarah?

- Sim, eu seguir-te-ei, Davy. Não vou deixar-te para trás.

A menina saiu do carro e foi ao encontro de Sarah.

- Sarah, não acho que devamos deixar que Davy vá com ele. Não o conhecemos.

- Não faz mal, Anna. Vamos atrás - dirigiu-se para Brad. - Não se atreva a afastar-me de Davy.

- Não o farei, desde que me siga.

Afastou-se de Brad e deu um abraço ao rapaz. Então, entrou no carro com a menina e arrancou.

Brad ajudou o menino a sentar-se e pôs-lhe o cinto de segurança.

- Davy, fico contente por vires comigo. Eu não gosto de ir sozinho.

- Eu também não.

- Muito bem. Estaremos em casa dentro de vinte minutos.

Um momento mais tarde, olhou pelo espelho retrovisor e percebeu que a jovem não ia atrás. Mudou de sentido e encontrou o carro na berma.

- Davy, vou ver se posso ajudá-la. Fica aqui.

Quando chegou ao carro, viu que a jovem estava a chorar.

- Sente-se bem?

- Sim - respondeu, limpando as lágrimas.

- Sabe o que se passa com o carro?

- Não.

- Muito bem. Porque não entra na carrinha com Anna?

Veremos o que pode fazer-se amanhã.

- Preci... Precisamos das malas.

- Onde estão?

- No porta-bagagem.

- Vou buscá-las.

Brad tirou as malas e guardou-as na carrinha.

- Anna, ajudo-te a entrar - disse à menina. Então, virou-se para Sarah, mas ela já estava sentada. - Ponham o cinto

- disse, ao sentar-se à frente do volante. - Chegaremos ao rancho dentro de minutos - saiu para a estrada.

O resto da viagem decorreu em silêncio. As crianças pareciam ter adormecido, mas Sarah observava-o atentamente. Quando os seus olhares se encontravam, ela desviava o dela.

Parecia ter vinte anos. O cabelo castanho caía-lhe sobre os ombros e os seus olhos eram grandes e expressivos. Noutras circunstâncias aquele rosto devia ser bonito, mas naquele momento umas sombras escuras marcavam-se à volta dos seus olhos.

Queria perguntar-lhe de quem eram as crianças e porque estavam a seu cargo, mas decidiu esperar.

Quando chegou a casa, virou-se para ela.

- A minha cunhada está grávida de gémeos. Custa-lhe muito dormir se acordar, portanto agradeceria muito se mantivesse o silêncio.

Sarah saiu da carrinha e ajudou as crianças.

- O que estamos a fazer aqui? - perguntou-lhe. - Pensava que ia levar-me ao xerife.

Levara-a para o rancho dos Logan. O xerife, que estava casado com a sua mãe, acedera a lá ir.

- Este é o rancho da minha família. O xerife vai encontrar-se connosco aqui. Este é o seu carro.

Ao ouvir mencionar o xerife, Sarah empalideceu.

- Sente-se bem?

- Não fizemos nada de mal - replicou, olhando para ele nos olhos.

Por alguma razão, Brad sentiu o impulso de a tranquilizar. Era evidente que se preocupava com as crianças e ele sempre tinha sentido fraqueza pelas raparigas em apuros.

Fez-lhe gestos para que o seguisse.

Abriu a porta da cozinha e fê-los entrar. O xerife estava sentado à frente da velha mesa de carvalho.

- Mike, estes são Sarah, Anna e Davy.

O xerife levantou-se. Tinha cinquenta anos e o cabelo branco, mas ainda se mantinha em forma.

- Olá, sou Mike Dunleavy, o xerife do condado. Sentem-se. Apetece-lhe um café? - apontou para a bancada da cozinha. Fizera café assim que recebera a chamada de Brad.

- Não, obrigada. Mas pode dar leite às crianças?

- Claro - disse Brad. - Vou buscar.

Depois de dar dois copos de leite às crianças, Mike começou a fazer perguntas.

Primeiro, perguntou o seu nome.

- Sarah Brownly.

- Está de férias?

- Mais ou menos. Fiquei sem trabalho e... decidimos ir-nos embora.

- Estas são as vossas malas? Não têm mais pertences?

- São.

- São seus filhos?

Ela hesitou. Finalmente, abanou a cabeça.

- Onde estão os seus pais?

- Anna e Davy são os meus meios-irmãos. A nossa mãe morreu recentemente.

- Lamento muito. Deve ser muito difícil para você. Para todos.

Brad viu aparecer as lágrimas nos olhos da jovem. Se estava a mentir, devia ser muito boa actriz.

O menino, que não dissera nenhuma palavra desde a sua chegada, levantou-se da cadeira e puxou o braço de Sarah.

- Tenho sono.

Ela fê-lo sentar-se sobre os seus joelhos. Anna pôs a sua cadeira ao lado dela e recostou-se.

Brad comoveu-se ao ver a ternura com que ela as tratava e, de repente, sentiu pena deles.

- Davy, o meu sobrinho tem a mesma idade que tu e há uma cama extra no seu quarto. Gostarias de dormir nela?

Davy olhou para Sarah para lhe pedir permissão. Ela assentiu.

- Não se importa? - perguntou a Brad.

- Acho que só acordará de manhã. Vamos, mostrar-te-ei onde é.

Brad conduziu-o até ao quarto. Ao chegar à porta, Davy hesitou por um instante.

- Acho que quero voltar para ao pé de Sarah.

- Porque não te deitas? Sarah vai ficar bem.

Depois de pensar um momento, Davy deitou-se na cama. Então, olhou para Robbie.

- Ele tem mamã?

- Sim. A minha cunhada, Abby. Está a dormir noutro quarto com o seu marido, Nick. É o meu irmão mais velho. Este rancho é dele.

- A minha mamã está no Céu. O meu pai matou-a. Ele está em Denver.

Embora o menino pronunciasse aquelas palavras com toda a calma do mundo, Brad sentiu o impacto do horror. Teve de se segurar para não cair. Milhares de perguntas buliam na sua mente, mas não era o momento de as fazer. Se o que dizia era verdade, já sofrera o suficiente.

Sarah poderia responder a todas as suas perguntas.

Quando voltou à cozinha, ouviu-a suplicar a Mike para que os deixasse ir. Estava a prometer que nunca mais voltaria a acampar ao ar livre. Brad interrompeu-a.

- Davy diz que o seu pai matou a sua mãe.

Sarah ficou pálida e Brad achou que ia desmaiá.

- É verdade, Sarah?

Dessa vez não conseguiu conter as lágrimas. Anna pôs-lhe os braços à volta do pescoço e agarrou-se a ela com todas as suas forças.

- Sim - sussurrou a jovem.

- Denunciou-o? - perguntou-lhe o xerife.

- Sim. As crianças e eu tínhamos ido à mercearia. Quando entrei na cozinha, vi o meu padrasto a estrangular a minha

mãe. Agarrei numa cadeira e bati-lhe na cabeça. Fi-lo afastar-se da minha mãe, mas... Não pude ajudá-la - reprimiu um soluço ao reviver a cena. - Ele estava fora de si. Eu agarrei nas crianças, meti-os no carro, pus algumas coisas nas malas e fui-me embora. Telefonei à polícia e disse-lhes que o meu padrasto tinha estrangulado a minha mãe.

- E porque fugiste?

- Porque o meu padrasto... mente. Não podia ir sem as crianças. Matar-nos-ia se soubesse onde estamos. Nunca foi um bom pai. Eu pagava todas as contas e comprava a comida. Ele bebia muito. Até fez com que a minha mãe começasse a beber - Sarah voltou a chorar. - Eu tentei fazer com que não bebesse com ele. Ele ficava muito agressivo quando bebia e ela... Ela era diferente.

- Ainda não entendo porque se foi embora. Já tinha chamado a polícia.

- Xerife, alguma vez se encontrou com pessoas que não pagam pelo que fizeram porque ninguém consegue prová-lo? Alguma vez se encontrou com alguém que conta uma história triste e leva a sua avante? Não podia arriscar-me a ficar por lá para ver o que acontecia. Ele podia dizer que amava os seus filhos e os polícias podiam acreditar.

Mike reflectiu um instante e assentiu.

- Olhe, porque não dorme aqui com as crianças? Os Logan não se importam, pois não, Brad? - olhou para o seu enteado, que assentiu. - Preciso dos nomes da sua mãe e do seu padrasto.

- Alice e Ellis Ashton.

- Vou contactar com a polícia de... Não me disse onde vivia.

- Acho que não devia dizer - disse Sarah.

- Acho que Davy me disse que viviam em Denver - disse Brad, suavemente.

- Não tem o direito de interrogar Davy! É uma criança! - gritou Sarah.

- Eu não o interrogei. Ele é que me disse.

- Sarah, não queremos fazer-vos mal. Só queremos descobrir o que aconteceu. Acredite ou não, queremos protegê-la - declarou Mike.

Sarah acalmou-se um pouco.

- Tem documentos que a autorizem a tirar as crianças de casa?

- Se ele ficar com as crianças, não cuidará delas! Talvez até as magoe!

Ao ouvi-la levantar o tom de voz, Anna começou a chorar. Brad percebeu que era uma imprudência falar à frente da menina. Sarah pegou nela ao colo e abraçou-a com ardor.

- Por favor, xerife! Entenda! Não pude fazer nada pela minha mãe, mas não deixe que leve as crianças!

- Sarah, tem mais de vinte e um anos?

- Sim, tenho vinte e quatro - esfregou as faces, mas as lágrimas não pararam.

- Se tiver de voltar para testemunhar contra o seu padrasto, eu ajudá-la-ei a conseguir a custódia das crianças. Posso escrever para o juiz e falar a seu favor. Cuidaremos das crianças se testemunhar. Se não lhe derem a custódia eu... farei a vista grossa para que possa desaparecer. Está bem?

- Promete-me?

- Tem a minha palavra.

- Obrigada, xerife. São boas crianças.

- Estou a ver - sorriu para Anna. - Vai ficar tudo bem - disse à menina. - Não tens de chorar.

Brad agradeceu a Mike.

- Precisas de mais alguma coisa? Acho que Anna está muito cansada - perguntou Brad ao xerife.

- Não. É só isso. Telefonarei à polícia de Denver para ver se prenderam Ellis Ashton.

- Então, Sarah, se estiveres preparada, temos um quarto vazio para ti e para Anna. Queres que leve a menina?

- Não, obrigada. Eu levo-a.

Brad agarrou nas malas e levou-as pelo corredor. Abriu a porta do quarto e acendeu a luz.

- Há almofadas e mantas auxiliares no armário, no caso de terem frio durante a noite.

Disse-lhe onde era a casa de banho e onde estavam as toalhas. Sarah parecia petrificada, traumatizada. Brad não conseguia imaginar o que acontecera. Devia estar aterrorizada.

De repente, sentiu o impulso de abraçar. Deu um passo em frente e parou.

Ela olhou para ele fixamente, com os olhos avermelhados.

- Obrigada, Brad. Muito obrigada por nos ajudar - disse, num sussurro.

Na manhã seguinte, Brad tomou um duche, barbeou-se, vestiu-se e dirigiu-se para a cozinha, onde se encontrava sempre com o seu irmão, que fazia o pequeno-almoço todas as manhãs.

- Bom dia! - exclamou a Nick, ao entrar.

- Bom dia! Voltaste tarde ontem à noite, não foi?

- Sim, mas...

Robbie entrou na cozinha de repente. Davy ia atrás dele.

- Olha, papá!

Nick olhou para o seu filho e, de repente, percebeu que Robbie não estava sozinho.

- O que...?

- Isso era o que ia dizer-te - apressou-se a dizer Brad.

- É teu? - perguntou Nick. - Há alguma coisa que queiras contar-nos, maninho?

- Não, não é meu, mas eu trouxe-o. Encontrei-o com as suas irmãs, a acampar nas terras da Junta de Freguesia.

- Isso não é permitido - disse Nick.

- Eu sei, mas... Bom, apaguei a fogueira e trouxe-os para que falassem com Mike.

Brad alegrou-se por o ter dito de uma vez. Uns passos aproximavam-se da cozinha.

Então, Sarah e Anna entraram. Brad reparou nas semelhanças. Tinham a mesma tez, os mesmos traços faciais...

- Bom dia! - cumprimentou Sarah, suavemente.

- Olá! - cumprimentou Nick. - Sou Nick Logan.

- Eu sou Sarah Brownly e esta é Anna. Este é Davy. Não queremos incomodar...

- Não é um incómodo. Sentem-se. O pequeno-almoço estará pronto em seguida - olhou para Brad. - Podes trazer os talheres e umas bebidas para os nossos convidados?

- Claro - Brad tirou os talheres e serviu três copos de leite. Pô-los na mesa e serviu uma chávena de café para Sarah. - Senta-te - acrescentou.

Brad esperava que Nick não fizesse perguntas. Queria explicar-lhe tudo a caminho do trabalho. Nick não disse nenhuma palavra até lhes servir o pequeno-almoço.

- De onde és? - perguntou-lhe, quando se sentou à mesa.

Sarah não queria dizer-lhe, mas, depois de olhar para Brad, respondeu:

- Denver.

- É uma época fora do comum para ir de férias com as crianças. Não vão perder as aulas?

Sarah olhou para Brad com olhos suplicantes.

- Explicarei depois do pequeno-almoço - disse Brad. - Come, Sarah. Nick quer limpar a cozinha antes de sair.

- Não me importo de lavar a loiça. Não sei o que... Quero dizer que esperarei até ter notícias do xerife.

Nick olhou para Brad, perguntando-se se podia confiar na jovem.

- Seria bom, Sarah, se não te importares. As crianças podem ver televisão.

- Posso ficar em casa para ver televisão? - perguntou Robbie, com impaciência.

- Não, filho. Sabes que tens de ir à escola. A mãe zangar-se-ia se ficasses em casa sem motivo.

- Oh, papá. Porque...?

- Come! - ordenou Nick.

Acabaram em minutos. Nick acompanhou Robbie à paragem do autocarro escolar. Esperava encontrar Brad no celeiro mais tarde.

Quando saíram, Brad virou-se para a rapariga, as formalidades tinham ficado para trás.

- A minha cunhada está a dormir. Podes fazer-lhe o pequeno-almoço?

- Sim. Obrigada por não dizeres nada ao teu irmão à frente das crianças.

- Não há problema - disse Brad e saiu de casa.

Já no celeiro, selou dois cavalos e esperou pelo seu irmão.

- Está bem. Qual é a história? - perguntou-lhe Nick, ao montar no cavalo.

Talvez Nick não estivesse preparado para aquilo, mas Brad não lhe poupou os detalhes.

- Bela tragédia! - exclamou Nick, abanando a cabeça.

- Eu sei. Vi-os porque vi a luz da fogueira. Parei e recuei. Apaguei a fogueira e disse-lhe que tinha de se ir embora. Era óbvio que ela pensava que podia ir-se embora sem mais nem menos. Telefonei a Mike e ele disse-me para os trazer.

- Tem sorte por a teres encontrado - disse Nick. - Teria sido pior se fossem atacados por ursos.

- Isso foi o que eu disse.

No entanto, enquanto cavalgava ao lado do seu irmão, Brad não conseguiu evitar perguntar-se se realmente salvava Sarah.

Capítulo 2

Sarah perguntou-se se o rancho seria tão seguro como os Logan e o xerife diziam. A última coisa que queria era que os seus irmãos voltassem a correr perigo. Depois de verificar que viam televisão na sala, voltou à cozinha e continuou com os afazeres. Faria muito mais em troca de uma boa cama e um pequeno-almoço. Deus sabia que não teria aguentado nem mais um dia sem descansar. Depois de fugir com as crianças, tinha conduzido quase toda a noite e estacionado numa área de descanso para esquivar. Passara a primeira noite de guarda e Brad Logan encontrara-a na madrugada do segundo dia. Nunca lhe ocorrera pensar nos ursos. Graças a Brad, as crianças tinham tido uma cama quente onde dormir, boa comida e uma casa segura. O que mais podia pedir? Suspirando, Sarah percebeu que estava em dúvida para com aquela família. E pensar que se zangara com Brad quando a surpreendera no seu acampamento improvisado... O aborrecimento que vira nos seus olhos não demorara a transformar-se em preocupação e compaixão. Mas ela não queria a sua compaixão, mas a sua simpatia. E o *cowboy* atraente oferecera-lha.

Depois de varrer a cozinha, ouviu passos pelo corredor. Seria a esposa de Nick?

Uma mulher morena e grávida entrou e parou de repente.

- Olá?

- Sou Sarah. O teu cunhado deixou-nos ficar cá ontem à noite. Preparo-te o pequeno-almoço?

- Não. Eu... Bom, está bem. Se não te importares.

- Claro que não. Ainda há café acabado de fazer.

- Não. O médico diz que não posso beber café. Beberei uma chávena de chá com leite e açúcar.

Sarah fez-lhe o pequeno-almoço, incluindo uma torrada, bacon e ovos mexidos.

- Lamento ter-te assustado antes... - replicou, depois de a servir.

Abby levantou uma mão.

- Não importa. Não esperava encontrar ninguém - agarrou no garfo. - Então, conheceste o meu marido esta manhã?

- Sim. Ele fez-nos o pequeno-almoço. Eu ofereci-me para limpar a cozinha para lhe agradecer o que tinha feito por nós.

- Isso foi muito amável da tua parte. Queres café?

- Eu gostaria de beber outra chávena. Estava a guardá-la para ti - Sarah levantou-se e serviu a última chávena de café.

- És amiga de Brad?

- Não. Nós... Tivemos de fugir do meu padrasto. Ele... matou a minha mãe há duas noites. Tinha medo de que nos matasse a todos se não saíssemos dali.

Abby não esperava ouvir uma história tão terrível. A chávena esteve prestes a cair das mãos.

- Oh, não! - exclamou, olhando para Sarah com olhos cheios de horror. - Lamento.

- Obrigada - disse Sarah, pestanejando rapidamente para não chorar.

- Falaste no plural. Com quem estás?

- Com os meus dois meios-irmãos. Estão a ver televisão na sala.

- Quantos anos têm?

- Cinco e nove.

- Já não aguentas mais, não é? - Abby pôs uma mão sobre o braço de Sarah.

Aquele gesto fez com que ela começasse a chorar, soltando assim a tensão acumulada.

- Estes biscoitos estão muito bons.

O pequeno Davy estava sentado à mesa, a comer as guloseimas que a sogra de Abby, Kate, lhes enviara. Anna também estava a desfrutar dos doces, embora não o expressasse abertamente.

Depois de desabafar, Sarah apresentara as crianças à sua agradável anfitriã. Abby gostou dos pequenos imediatamente.

- Dir-lhe-ei que gostaram dos biscoitos - disse Abby. - É uma avó óptima para Robbie.

- Tenho a certeza de que é assim. Não tem mais netos?

- Só quando nascerem os gémeos. Nick foi o único dos seus filhos que se casou - alguns minutos depois Abby olhou à sua volta. - Não sei o que fazer para o almoço.

- Diz-me de que gostas.

- Não posso pedir-te para fazeres o almoço!

- Sim, claro que podes. Não podes fazer tantas coisas a estas alturas da gravidez.

- Sim, mas... Importas-te?

- Claro que não. Diz-me o que queres. Eu faço.

Sarah estava a levantar-se quando o telefone tocou. A jovem olhou para Abby.

- Atende, por favor - disse Abby, com um sorriso.

- Rancho Logan - replicou, ao atender.

- Sarah?

- Sim.

- Sou Kate Dunleavy, a esposa de Mike.

- A avó de Robbie?

- Exactamente. Já ouviste falar de todos, não foi?

- Quer falar com Abby?

- Sim, por favor.

Sarah entregou-lhe o auscultador.

Enquanto Abby falava, Sarah deu uma olhadela no frigorífico. Estava cheio de comida.

Abby despediu-se da sua sogra e Sarah desligou o telefone por ela.

- Kate vai trazer o almoço. Só temos de fazer uma salada.

- Está bem - Sarah pôs mãos à obra. Pôs a mesa para seis, fez a salada e aqueceu ervilhas. Quando Kate chegou, estava tudo pronto.

- Tu fizeste tudo? - perguntou a mãe de Nick. - Abby, sabes que não devias tê-lo feito. Eu fá-lo-ia.

- Não fui eu. Sarah fez tudo. Não é uma querida?

- Claro que sim - dirigiu-se para a convidada e estendeu-lhe a mão em jeito de cumprimento. - Olá, Sarah! É um prazer conhecer-te.

Sarah apertou-lhe a mão com um gesto efusivo. A mulher devia ter cerca de cinquenta anos.

- Irei ver as crianças - disse Sarah e saiu da divisão.

- Mike diz que é uma boa pessoa - indicou Kate, observando-a.

- Eu também acho. Passou por coisas terríveis. Mike poderá ajudá-la?

- Sim. Acha que sim. Falará com ela depois do almoço. Não quer falar à frente das crianças.

- Oh, claro!

Sarah regressou, seguida de Anna e de Davy. A menina não se afastava da sua meia-irmã, mas Davy não parecia nervoso.

- Rapazes, esta é Kate, a senhora dos biscoitos.

- Eu adoro os seus biscoitos! - exclamou Davy, com um grande sorriso.

- Fico contente. É um prazer conhecer-te, Davy. E a ti também, Anna.

- Vá lá, crianças, sentem-se à mesa.

- Eu gosto muito de Robbie - confessou Davy, sorrindo.

- Perfeito. Talvez a ideia de Mike funcione - declarou Kate, sorrindo.

- Que ideia? - perguntou Sarah, levantando o olhar.

- Olá! Como estão todos? - perguntou Mike, entrando na cozinha.

Sarah cumprimentou-o com um gesto e sorriu.

- Estamos bem.

- Ainda bem. Estou cheio de fome. Já podemos comer?

- Tens sempre fome - disse Kate, brincando com o seu marido.

Sarah mal comeu. A dúvida e a expectativa mantinham-na sem apetite.

Finalmente, acabaram de almoçar e pôde levar as crianças para a sala. Assim que voltou para a cozinha virou-se para Mike.

- Prenderam-no? - perguntou-lhe.

- Sim, mas tu tinhas razão. Ashton disse-lhes que não sabia quem tinha matado a sua esposa. Disse que lhe deram uma pancada na cabeça, deixando-o inconsciente, e que por isso não conseguiu ajudar a sua esposa.

- Eu bem disse que ele mentiria.

- E quer saber o que se passou com as crianças.

- Não! Eu bem disse. Não podem voltar para ele.

- Só disse o que ele declarou. No entanto, a polícia fez um trabalho rigoroso. Está preso e só poderá sair se pagar os duzentos e cinquenta mil dólares de fiança. Esperam que não consiga reunir esse dinheiro.

- Está bem.

- Também querem falar contigo.

- Não! - Sarah sentiu-se como se estivesse numa montanha russa. Há um segundo, sentira um alívio profundo que não demorara a desaparecer.

- Sarah, lembras-te do que te disse? Falei com a polícia a respeito do teu desejo de assumires a custódia de Anna e de Davy. Acederam a ajudar-te se fores falar com eles.

Sarah pestanejou e olhou para as mãos, entrelaçadas sobre o seu colo.

- Não posso!

- Brad iria contigo. Vou falar com ele.
 - E porque o faria?
 - Porque precisas que alguém te acompanhe. Sarah, não vai ser fácil.
 - Eu sei. E as crianças?
 - Bom, pensei que deviam ir à escola enquanto estiverem aqui. Eu tratarei disso. Será mais difícil para Anna. Davy já tem um amigo, Robbie.
 - Mas não posso deixá-las! Seria demasiado difícil para elas.
 - Será muito pior se não conseguires a custódia.
 - Cuidaremos delas, Sarah - disse Abby, agarrando na sua mão.
 - Mas tu devias descansar.
 - Se estiverem na escola o dia todo, posso descansar.
- O xerife olhou para Sarah.
- Tens de te perguntar o seguinte: vale a pena testemunhar contra Ellis Ashton? Obterás a custódia e assim as crianças estarão seguras.
- Ao vê-lo assim, Sarah percebeu que não tinha escolha.
- Irei - disse, respirando fundo. - Mas não é preciso incomodar Brad. Posso fazê-lo sozinha.
 - Ele vai contigo. Faz parte do acordo. Nick e Abby ficarão com as crianças e Brad cuidará de ti.
 - Não quero que cuide de mim! Eu posso fazê-lo sozinha.
 - Porque não queres que vá?
 - O único homem da minha família matou a minha mãe. Porque quereria estar perto de um homem?
 - Só vai acompanhar-te para que estejas segura. Assim poderás voltar sã e salva para junto dos teus irmãos.
 - Não... Não sei o que...
 - Acho que devias ir na segunda-feira de manhã, depois de as crianças irem para a escola.
 - No seu primeiro dia de escola? Não, isso é impossível! Anna não pode... É muito tímida.

- Não faz mal - disse Kate. - Eu levá-la-ei à escola de manhã e certificar-me-ei de que fica bem. Abby ajudará.

- De acordo. Posso dizer-lhe que irás com ela?

- Claro que sim.

Mike levantou-se e deu um beijo à sua esposa. Agradeceu a Sarah pela sua ajuda e foi-se embora.

- O que é que as crianças vestem para ir à escola? Há algum sítio onde possa comprar roupa?

- Sim. Eu levo-as. Podemos ir esta tarde, se quiseres.

- Obrigada, Kate. Acho que isso ajudará a fazer com que Anna se sinte melhor - disse Sarah, enquanto tentava encontrar uma maneira de pagar a roupa.

* * *

Nick e Brad chegaram tarde ao almoço e encontraram a casa vazia.

- Onde está Abby? - perguntou Nick.

- Não sei. Acho que nos deixaram sozinhos.

- Se se foi embora com aquela gente, eu...

- Olá, rapazes - disse Mike, ao entrar na cozinha. - As raparigas saíram?

- Sim - disse Nick, que estava um pouco zangado.

- Sabes onde estão?

- Não. Nem sequer deixaram um bilhete.

Nick não conseguia acreditar que a sua esposa se fora embora sem lhe ter dito nada.

- Ouvi, posso aquecer a comida. Acho que há suficiente para os três - indicou Brad.

- Ah, esse é o guisado que Kate fez - disse Mike. - Porei a mesa.

- Como sabias do guisado? - perguntou Nick.

- Almocei com as raparigas há um momento, mas não foi suficiente - disse o xerife.

- Está bem, farei alguma coisa para beber. Apetece-vos café? Acho que vai estar muito frio a partir de hoje.

Estavam a acabar de almoçar quando Brad percebeu que Mike não costumava visitá-los àquela hora. Perguntou-lhe porquê.

- Vim falar com Sarah - explicou.
 - Porquê? Passa-se alguma coisa?
 - Não, não se passa nada, mas preciso de ajuda.
 - Para quê? - perguntou Nick.
 - Para acompanhar Sarah a Denver.
 - Quem queres que vá? - perguntou Brad.
- Mike olhou para ele nos olhos.
- Oh, não! Eu não. Não tens nenhum ajudante que possa fazê-lo?
 - Sabes que não tenho ajudantes suficientes para abranger todo o condado. Não posso enviar um deles.
 - Mas acho que ela se sentirá melhor com o ajudante do xerife.
 - É por isso mesmo que vou nomear-te ajudante do xerife antes de ires - indicou Mike.

Naquela tarde, Sarah estava sentada à mesa da cozinha, a tentar encontrar sentido para a sua vida. Não teria podido estar em melhores mãos. Abby oferecera-lhe trabalho como governanta em troca de um salário generoso e alojamento para os três.

Kate tinha-os levado às compras e pagara a roupa de Anna e de Davy, mas Sarah fizera-a prometer que o descontaria do salário. Tinham comprado mais do que ela podia pagar, mas estava disposta a fazer um esforço pelas crianças, que tinham muito pouco. Elas mereciam tudo.

Durante toda a sua vida, Anna e Davy tinham sofrido os abusos do seu pai. Ela fizera com que não lhes faltasse comida, mas não era suficiente. As crianças não podiam viver assim.

A porta da cozinha abriu-se e Brad entrou na divisão.

Sarah levantou-se com um salto.